

1 — Oportunidade

Lembro-me dos últimos momentos da minha velha e limitada existência. Embora as memórias tenham sido ofuscadas por tudo o que aconteceu depois, algo fez com que retornassem mais claras do que nunca.

Você, Juiz do Infinito, já deve saber de tudo o que decorreu de tais eventos. Com certeza, pode vasculhar toda a informação que já percorreu minha mente e interpretá-la de forma absolutamente precisa e imparcial, quase sem nenhum esforço. Como eu poderia ajudá-lo? Quais são os seus objetivos com isto?

Talvez eu não deva esperar por essas respostas no momento.

Como você deseja, falarei sobre a primeira vez que a vi, e sobre o Primeiro Mistério. Após meses estudando obsessivamente, eu não parecia estar mais próximo daquela descoberta. Na verdade, eu nem sabia se havia de fato algo a ser descoberto; deixei-me guiar pela intuição desde o começo, dedicando a maior parte do meu esforço a algo que podia não passar de uma mera ilusão.

No início, tratava-se apenas de uma vontade desesperada de encontrar algo que me elevasse em comparação àqueles ao meu redor, somada a um idealismo infantil. Conforme meus conhecimentos se aprofundaram, entretanto, minha motivação mudou: o que antes se limitava a uma realização pessoal, agora se convertia em um desejo genuíno de compreender a verdade e preencher aquela estranha lacuna na minha visão de mundo que me tirava a paz.

Após uma noite particularmente exaustiva, acabei caindo no sono na minha escrivaninha. Lembro-me de apenas um sonho que tive e de sentir uma tranquilidade que eu não conhecia havia tempos.

A escrivaninha ainda estava à frente, assim como todas as anotações, mas o ambiente era completamente diferente. O chão era um mosaico fractal preto e branco que se estendia infinitamente a todos os lados, e o mesmo

mosaico era visível em um plano centenas de metros acima. Não pude identificar uma fonte de luz, mas tudo podia ser visto claramente.

Minha cama também se encontrava à esquerda, e nela estava sentada uma mulher que olhava para algum ponto distante. Parecia jovem, com pouco mais de vinte anos, e não se assemelhava a ninguém que eu conhecia: era branca, com longos cabelos castanhos, olhos dourados marcantes, e usava uma espécie de manto que parecia ser feito de pura luz branca sólida, de alguma forma; também era extremamente bela, sem qualquer imperfeição visível.

Levantei-me da cadeira e olhei ao redor. Havia algo errado a respeito daquilo.

— Sei que estou sonhando. Por que não consigo acordar?

— Por que você já quer acordar? — perguntou a mulher, a voz suave e levemente reverberante.

Fechei os olhos, respirei fundo e então abri outra vez, esperando alguma mudança. Nada.

— Preciso terminar o que eu estava fazendo — disse eu enquanto checava minhas anotações. Já não conseguia compreendê-las, pois eram apenas símbolos e desenhos ininteligíveis.

Soltei-as e encarei a mulher, que me mirava com tranquilidade.

— O que está acontecendo comigo? — perguntei. — Você fez isso? Deu algum alucinógeno estranho para mim?

— Estou aqui para ajudá-lo, Mark.

— Ajudar? Quem é você, afinal?

Levantou-se da cama. — Tudo o que você precisa saber é que eu conheço a verdade que você procura.

— O Mistério? — Pausei e encarei-a, sentindo uma onda de adrenalina percorrer meu corpo e meu coração acelerar. — Diga. *Por favor.*

— Não posso.

— Por que não?

— É impossível transmitir essa informação a outra pessoa, infelizmente.

Apoiei-me na escrivaninha e suspirei. — É claro. Você não passa de uma criação da minha mente. O estresse deve estar derretendo meu cérebro.

— Sei que você não acredita nisso — disse ela. — O fato é que a descoberta está intimamente ligada às experiências pessoais de cada um, e é algo que você deve realizar por conta própria.

Virei-me novamente a ela.

— Se o que você está dizendo for verdade, como pode me ajudar?

— Posso oferecer tempo — disse ela. — Todo o tempo de que você precisar. Aqui você não envelhecerá. Não sentirá fome, sede ou sono.

Encarei-a desconfiado. — Por que está fazendo isso? Você supostamente já conhece o Mistério. O que tem a ganhar?

— Sei reconhecer uma boa oportunidade quando ela se apresenta — respondeu, sorrindo sutilmente. — Eu não perderia meu tempo com isso se você não tivesse mostrado que tem potencial. O futuro será mais... interessante, se você conseguir realizar o seu objetivo.

Ri, não sabendo se deveria me sentir mais lisonjeado ou incomodado pela atitude críptica da mulher. — Parece que concordamos nisso, mulher onírica misteriosa. Mas você não pode me dar nenhuma dica? Vai ser difícil chegar a algum lugar sem as minhas anotações e livros.

— Você não vai precisar de nada disso, Mark. Já chegou mais perto do que imagina.

— Então... Devo fazer o mesmo que tenho feito durante todo esse tempo?

Voltou o olhar a algum ponto infinitamente distante onde os dois planos fractais se encontravam. — Há muito a ser ponderado sobre a natureza das dimensões. Em seu lugar, eu não desistiria tão fácil daquelas linhas de pensamento.

Apesar de todos os motivos que eu tinha para me sentir desconfiado, a curiosidade acabou falando mais alto.

Assenti com a cabeça. — Vou tentar.

— Que bom — disse ela. — Vou deixá-lo sozinho. Se você desistir, é só dizer a qualquer momento... Estarei ouvindo.

— Não acho que isso vai acontecer.

Ela sorriu, aproximou-se e sussurrou no meu ouvido. — Cá entre nós... Este tipo de intervenção não é visto com bons olhos entre aqueles no meu círculo.

Ergui uma sobrancelha em resposta.

— Mas sei que vai valer a pena — disse ela, afastando-se. — Boa sorte.

Com um clarão momentâneo, ela desapareceu, e a dúvida se fortaleceu no mesmo instante. Boa parte de mim ainda acreditava que tudo não passava de um sonho comum, fruto do meu desespero e obsessão. Seria doloroso acordar subitamente, após ter ouvido de um ser que conhecia a verdade que eu buscava.

Esperei por alguns minutos, parado naquele mesmo ponto entre a cama e a escrivaninha. Nenhuma mudança ocorreu no ambiente. Nenhum evento aleatório intrínseco à maioria dos meus sonhos normais. Já se tornara impossível distinguir aquilo da realidade.

Respirei fundo e observei, pela última vez, os papéis sobre a escrivaninha, antes de dar início à minha longa caminhada pelo plano preto e branco, com a esperança de que seus padrões me trouxessem alguma inspiração.

Um Mistério não é como uma verdade normal. O estado mental correto dependia de uma longa sequência de pensamentos exatos, o que sempre fora algo particularmente desafiador. Sabia que precisava retomar uma das linhas de pensamento perdidas, mas as ramificações pareciam ser intermináveis.

Não saberia dizer por quantas semanas ou meses encarei aquele mesmo padrão repetitivo, tentando interpretar suas formas de todas as maneiras concebíveis, e também não sabia se viria a acordar em algum momento. Talvez estivesse preso em um limbo criado pela minha própria mente, uma punição inconsciente pelos meus incontáveis fracassos.

Àquela altura, eu já não mais me importava. Se descobrisse a verdade, mas permanecesse preso para sempre, ou até mesmo deixasse de existir no

momento seguinte, isso seria bom o suficiente. Talvez fosse um teste para saber se eu estava disposto a me entregar por completo para poder vislumbrar aquela nova parte da realidade, mesmo que por um instante.

Após gradualmente perder todo o medo, eu podia dizer que estava pronto. Deixei de tentar justificar a minha busca, e apenas segui em frente, plenamente convencido de que valeria a pena. Avancei com a certeza de que, se um dia pudesse descobrir o Mistério e ter o privilégio de acordar mais uma vez, eu estaria mudado para sempre, e tudo seria diferente a partir daquele momento. Tudo seria melhor.

Eu me chamo Matheus Henrique da Silva Souza, com o nome de autor “M. Souza Celius” em homenagem a um professor da faculdade. Sou autor da trilogia de ficção científica “O Quarto Mistério”, da qual apenas o primeiro livro está publicado até hoje: “Um Encontro com o Caos”. Nasci em Brasília, sou formado em Engenharia Mecatrônica pela UnB, fui brevemente cadete do Corpo de Bombeiros até perceber que a vida militar não daria certo para mim, e atualmente trabalho na área de Analytics do Banco do Brasil.

Comecei a escrever a trilogia aos dezessete anos, inspirado principalmente por jogos que joguei na infância e juventude, sobretudo RPGs no estilo Final Fantasy, e obras como Harry Potter e Senhor dos Anéis. Ao longo de treze anos, a série sofreu inúmeras reescritas e revisões, conforme eu me dava conta dos pontos em que eu precisava melhorar, e novos autores de referência surgiram, como o Brandon Sanderson; no entanto, a ideia central permaneceu a mesma: um universo onde pessoas descobrem Mistérios fundamentais e inefáveis da realidade, obtendo poderes e alterando o destino da humanidade. Eu queria explorar esse conceito de uma maneira que abordasse os temas mais pessoais e significativos para mim, incluindo questões filosóficas, espirituais e existenciais; questões de talento e esforço; e questões de família e relacionamentos. Estou bastante feliz com o resultado final do meu trabalho, e espero poder lançar o resto da trilogia em breve.

No momento, o primeiro livro está publicado sob o selo editorial Stentor Books, que criei com meu namorado, mas ainda estamos pesquisando as melhores formas de divulgar os livros. Minha irmã também está traduzindo os livros para o inglês, e meu sonho é poder ver uma série (tanto animada como live-action) baseada nos meus livros. Eu espero que a qualidade do meu trabalho fale por si, e que fique evidente o monumental esforço que eu empreguei nestes livros em mais de uma década.

O livro pode ser encontrado na Amazon:

<https://www.amazon.com.br/dp/B08D6Z91QL>

Falo mais sobre meus livros neste vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=k3_1nkm6INw

Alguns links para contato:

Twitter: <https://twitter.com/msouzacelius>

LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/matheus-h-souza/>

Instagram: <https://www.instagram.com/msouzacelius/>